

Este artigo foi publicado no livro **ENTRE TANTOS – Diversidade na pesquisa educacional**, publicado pela Universidade Federal do Ceará. Interessados no livro podem adquiri-lo solicitando pelo e-mail abaixo:

arnobioa@gmail.com

FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO

José Arnóbio Albuquerque de Oliveira

Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei um altar também com esta inscrição: 'A um Deus Desconhecido'. O que adorais sem o conhecer, eu vo-Lo anuncio! (PAULO DE TARSO)

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar os aspectos científicos fundamentais da religião, demonstrando sua universalidade e necessidade. Mostraremos os pontos cruciais que fazem a religião ser vista com desconfiança pela mentalidade científica do Ocidente, bem como alguns equívocos epistemológicos que impedem a percepção da religião ou espiritualidade num sentido pragmático e não sectário.

Talvez seja contraditório falar de uma ciência espiritual, pois a concepção largamente difundida considera que a religião jamais poderá ser apresentada como um campo de conhecimento estruturado. Uma vez que Jesus Cristo, no entanto, afirmou “em verdade, em verdade te digo, dizemos o que sabemos, e damos testemunho do que vimos”¹, devemos iniciar uma investigação para descobrir se ela pode merecer uma abordagem científica. Se Jesus asseverou que falava o que conhecia por experiência, significa que suas asserções, mesmo aquelas de caráter metafísico, descenderam de uma base de saber real, onde deve ele ter “visto” o que ensinava.

Tais considerações sobre uma possível cientificidade da religião parecem sem sentido, pois o que temos encontrado nela está, de fato, muito distante dos critérios mais simples da ciência. Para Kant, uma forma de conhecer que a ciência está afastada de um campo de estudos é quando se torna “impossível aos

¹ Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 3, verso 11.

diversos colaboradores porem-se de acordo sobre a maneira como o objetivo comum deve ser perseguido” (1999:35). É evidente a falta de entendimento entre os diferentes pesquisadores religiosos, cada um se arrogando a interpretação perfeita e precisa dos conceitos de Deus, vida e morte, cujas conclusões são geralmente excludentes e incompatíveis, quanto à forma e ao conteúdo. Entre eles, não há entendimento nem mesmo quanto ao nome do objeto mais importante dos seus estudos. Se um grupo de estudiosos decide chamar Deus de um modo, considera herético que os demais grupos o chamem por outro nome. Se não há consenso mesmo na mais trivial concepção, não resta possibilidade alguma de convergência de opiniões sobre os conceitos estruturais de tal ciência. O método da pesquisa religiosa tampouco apresenta qualquer chance de consenso, uma vez que os seguidores da religião A sequer têm interesse sobre como ocorre a prática dos seguidores da religião B, merecendo nada mais do que anátemas por utilizar livros e rituais diferentes.

Para qualquer observador desses movimentos, portanto, a religião jamais poderá se apartar da fé que, segundo interpretação generalizada, trata-se de atitude de aceitação cega e cheia de boa vontade de uma pessoa perante um conjunto de conhecimentos que não é capaz de compreender.

Quando diferentes pesquisadores seguem os mesmos procedimentos científicos, então todos chegam a um consenso sobre os resultados, falsos ou verdadeiros, ou tais procedimentos não eram realmente científicos. Segue que 1) Jesus não falava a partir de uma base de conhecimento segura, divulgando nada além de conteúdos contraditórios, o que explica a falta de entendimento entre seus seguidores ou 2) seus seguidores não foram capazes de acessar a mesma base de conhecimento segura dominada por Jesus, perdendo-se na interpretação imaginosa do que estudaram para sustentar pontos de vista ambíguos, literais e dogmáticos, pois se cada religioso pudesse ter acesso às fontes primárias, as conclusões seriam rigidamente semelhantes, e os mais diferentes pesquisadores chegariam a um consenso, mesmo que vivendo em eras ou culturas diferentes. Se obtivermos êxito em demonstrar a base do conhecimento de Jesus, a falsidade da hipótese do primeiro item será anunciada e a hipótese do segundo tornar-se-á naturalmente válida. Se, além disso, demonstrarmos a validade da

hipótese do item 2, então teremos alcançado, com sucesso, os objetivos propostos.

O pensamento ocidental não logrou êxito em encontrar a chave para acessar essa base de saber real sobre a qual a religião se sustenta, incapaz, por isso, de superar uma apreciação meramente especulativo-dogmática da espiritualidade. Por outro lado, a visão caricaturada do ocidental sobre a religião do Oriente tem impedido uma aproximação potencialmente fecunda ao método seguro de acesso a esse saber, amplamente dominado por Jesus Cristo. Aproximar o pensamento filosófico do ocidente ao pensamento místico do Oriente é o caminho para o entendimento da religião enquanto ciência, como demonstraremos a seguir.

MITO, DOGMA, SENSO COMUM E MISTÉRIO

O que é verdade é facilmente inteligível (LAO TSÉ).

Quando os gregos começaram a se perguntar pelo fundamento de todas as coisas (*arché*) estavam dando os primeiros passos para o desenvolvimento do conhecimento científico. Buscavam esses primeiros cientistas ou filósofos, pois não havia distinção entre Ciência e Filosofia, um caminho que os levasse com segurança do mito ao pensamento crítico, organizado e apresentado de acordo com critérios racionais, buscando apoio não mais em metáforas extraordinárias, mas por meio da elaboração de argumentos com pretensão a uma coerência própria. Alegoria não possui determinação, é acrítica, não aprecia a linearidade dos fatos, nem sua precisão, e extrapola a dimensão espaço-tempo; “o mito não serve como fundamento para nenhum conhecimento” (ALMEIDA, 2002:28). Na manifestação fantasiosa não há uma correspondência entre a imaginosa narrativa romântica e a realidade objetiva inexoravelmente imposta. Enquanto a narrativa fantástica parece potente para explicar as causas primeiras, é completa sua falência na tentativa de superar os limites anotados pela realidade fática. A razão crítica pretendia superar uma base de conhecimento que não lhe dava suporte para o domínio de forças inadequadamente explicadas pela expressão mítica. Era necessário impor a vontade e a razão para dominar a natureza. O objetivo era “dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber” (ADORNO, 1985:19).

Tal meta não constituiu empresa de simples operação. Somente no século XVII, a Ciência logrou separar-se da Filosofia, estabelecendo um método próprio. Essa época assiste o início da derrocada de uma teologia que dominava completamente o que se conhecia como ciência e a subordinava ao poder vigente, capaz de impor uma cosmovisão baseada numa interpretação dogmática das escrituras. Enquanto o movimento filosófico primevo se contrapunha à suposição fabular, o conhecimento científico nascente confrontava-se ao dogma revestido de poder. O conflito entre a novel Ciência e a poderosa Igreja, preparada para trucidar quem ousasse desafiar sua interpretação dogmática do mundo, é a luta travada por Galileu para fundar um campo de conhecimento baseado na técnica e na experiência. Galileu precisou abdicar da defesa de teorias fundamentadas para escapar ao fim de Giordano Bruno, “acusado de panteísmo e queimado vivo por ter defendido com exaltação poética a doutrina da infinitude do universo e por concebê-lo não como um sistema rígido de seres, articulada em uma ordem dada desde a eternidade, mas como um conjunto que se transforma continuamente” (ARANHA e MARTINS, 1993:146).

Tanto o mito quanto o dogma, impostos como fundamento do saber antes do advento do conhecimento científico, são marcados pela ausência de um método capaz de aproximar o conhecimento da realidade objetiva. Platão reconheceu esse saber desprovido de método como resultado de um conhecimento sensível, isto é, sustentado pelas impressões dos sentidos, subjetivo e baseado na verificação espontânea dos fenômenos. Sem método, não há uma organização das impressões numa unidade coerente, tornando-se as informações dos sentidos fonte de opiniões vagas e imprecisas, um senso comum que compreende casos particulares, sem possibilidade de alcance de padrões universais. O senso comum, conhecimento que nasce de observações desprovidas de método, é o que domina, sempre que falta o rigor científico.

No caso da Teologia cristã, que dirigiu os caminhos da Ciência na Idade Média até o século XVII, a fé constituía o substrato subordinador da racionalidade, fora da qual o conhecimento não possuía validade. Não existia tampouco um método para determinação da fé, sendo ela supostamente originada da revelação divina, privilégio de alguns poucos homens, cuja legitimidade era igualmente

fundamentada na fé. Tais homens cheios de fé não recorriam à demonstração objetiva dos fenômenos, nem à validação racional dos argumentos, mas dependiam da autoridade para impor suas verdades, criadas com fins de preservação do poder. Seguindo um caminho inverso para a elaboração do conhecimento teológico, não a fé, mas o conhecimento não verificado era o que imperava. A revelação divina, na prática, surgia depois da experiência cotidiana, pois a interpretação dos livros sacros era definida de acordo com o que fosse mais próximo da evidência sensível ou compatível com os objetivos de preservação do *status quo*. Não era necessário apoio de uma ciência para afirmar a teoria da Terra como centro do universo (geocentrismo), conclusão natural ao saber geral. Era muito mais simples buscar nas escrituras o registro da parada do Sol pela força de Deus², para tornar o geocentrismo verdade inquestionável. Para a necessidade de responder aos problemas objetivos, nada mais cômodo do que buscar resposta no saber não científico, para, em seguida, revesti-lo com cintilantes ornamentos teológicos.

Se as religiões que conhecemos são herdeiras de tradições que remontam ao mito e ao dogma, como poderiam seus ensinamentos possuir pretensão de cientificidade? A espiritualidade tornou-se, numa era marcada pelo conhecimento científico, sinônimo de crenças admitidas sem critério, justificada pela tradição ou autoridade eclesiástica. Mesmo o cientista quando se volta à espiritualidade, trata-a como questão de fé, nascida da boa vontade do religioso, que, se é religioso, é porque abdicou do rigor investigativo a fim de sustentar pontos de vista jamais aceitos como ciência, nada além de uma percepção popularesca, fonte de um conhecimento em que se verificam o medo do desconhecido, incertezas quanto aos resultados, ausência de método, intangibilidade à crítica, excepcionalidade, espontaneísmo, fragmentação, particularismo e subjetivismo, o juízo geral tão conhecido da ciência, o senso comum, tão retilhado na Academia.

Essa imagem da ciência como magia aparece, por exemplo, no cinema, quando os filmes mostram os laboratórios científicos repletos de objetos incompreensíveis, com luzes que ascendem e apagam, tubos de onde saem fumaças coloridas, exatamente como são mostradas as cavernas ocultas dos magos. Essa mesma identificação entre ciência e magia aparece num programa de televisão brasileira, o *Fantástico*, que, como o

² Bíblia Sagrada, Livro de Josué, Capítulo 10, verso 12.

nome indica, mostra aos telespectadores resultados científicos como se fossem espantosas obras de magia, assim como exibem os magos ocultistas como se fossem cientistas (CHAUI, 2004:217).

São esses os mesmos aspectos que caracterizam a religião, ou espiritualidade, no Ocidente. O *commom sense* religioso, marca, neste nosso tempo, a abordagem do Sagrado. Se um fenômeno é estranho e fora do comum, se carrega aura de mistério e está relacionado a eventos que envolvem conceitos não alcançados pela Ciência, tais fenômenos são, por conseguinte, considerados de ordem espiritual. Tal espiritualidade se reveste de maneira muito característica: um vocabulário repleto de termos esquisitos, roupas típicas, posturas físicas inimitáveis, caracteres e sinais ilegíveis, mistérios insondáveis e, como atitude-padrão do “bom espiritualista”, uma vida dirigida segundo normas e hábitos incomuns; nada relacionado a padrões capazes de marcar muito mais precisamente a compreensão da religião, de verificação simples, tal como o modo de relacionamento com humildes, poderosos ou desafetos³, equanimidade na alegria e na dor, tolerância à diversidade, sabedoria nas decisões cotidianas da vida, criatividade incessante, bom humor em todas as circunstâncias, critérios que caracterizam com maior proximidade o espiritualista, conforme os ensinamentos dos grandes mestres da humanidade, tal como Buda e Krishna. Não foi a um anacoreta que Jesus dirigiu a afirmação “não encontrei semelhante fé em ninguém de Israel”⁴, mas a um oficial do exército romano.

“Creio porque é absurdo”, famosa expressão de Tertuliano, marca o que se chama comumente espiritualidade. Se é absurdo o que se deve crer, então qualquer absurdo é útil para que se creia cegamente. Servido está o prato da religião do Ocidente, temperado pelo dogma, pelo mito e pelo mistério. Eis, entretanto, o que ensinaram os cientistas do Oriente, tal como Buda assinalou:

Não acrediteis em coisa alguma
pelo fato de vos mostrarem o testemunho escrito
de algum sábio antigo;
Não acrediteis em coisa alguma
com base na autoridade de mestres e sacerdotes;
Aquilo, porém, que se enquadrar na vossa razão,
e depois de minucioso estudo

³ “Iogue supremo é quem encara todos os homens com imparcialidade – protetores, amigos, inimigos, estrangeiros, juízes, excluídos, parentes, virtuosos e descrentes” (BHAGAVAD GITA, Capítulo 6, verso 9).

⁴ Bíblia Sagrada, Livro de Mateus, Capítulo 8, verso 10.

foi confirmado pela vossa experiência,
conduzindo ao vosso próprio bem
e ao de todas as outras coisas vivas;
A isso aceitai como verdade;
E daí, pautai vossa conduta ! (*Apud* ARORA,1999:17)

Desde um ponto de vista científico, o aspecto “absurdo” ou misterioso do Sagrado é o convite à pesquisa dele, para que se desvele, tal como o conhecimento científico, de qualquer campo de estudo. O culto ao mistério como um fim desvirtua o fim original da busca, o próprio Sagrado, que se perde na escuridão de uma impenetrabilidade eterna, causa e resultado de mito e dogma que se retroalimentam indefinidamente. O cientista da espiritualidade, porém, afirma que seu objeto de pesquisa é cognoscível. Aos gregos, cultores do mito e do misterioso, Paulo de Tarso acentua convictamente: “Percorrendo a cidade e considerando os monumentos do vosso culto, encontrei um altar também com esta inscrição: ‘A um Deus Desconhecido’. O que adorais sem o conhecer, eu vo-lo anuncio!”⁵.

A DETURPAÇÃO DO CONCEITO DE FÉ

Fé é uma certeza a respeito do que não se vê (PAULO DE TARSO).

O sentido da palavra “fé”, na forma como é tratado, em geral, pela religião ocidental e também pela academia é, provavelmente, o maior responsável pelo desprezo e preconceito que a espiritualidade experimenta entre os cientistas, que, amiúde, consideram a Metafísica como “tagarelice vazia” (POPPER, 2003:36), um “simples tatear entre meros conceitos” (KANT,1999:38). Para Kant há uma instância de conhecimento impenetrável pela razão, alcançada somente pela fé, sugerindo não ser possível o estabelecimento de um método racional para a investigação da Metafísica⁶. Karl Popper, embora criticasse o temor positivista à Metafísica e demonstrasse abertura em relação ao seu contributo ao conhecimento científico⁷, perseguiu a elaboração de um critério seguro de

⁵ Bíblia Sagrada, Livro dos Atos dos Apóstolos, Capítulo 17, verso 23.

⁶ “Portanto, tive que elevar o saber para obter lugar para a fé” (KANT,1999:45).

⁷ “Com efeito, é impossível negar que, a par de idéias Metafísicas que dificultaram o avanço da Ciência, têm surgido outras – tais como as relativas ao atomismo especulativo – que o favoreceram” (POPPER,2003:40).

demarcação, capaz de estabelecer clara distinção entre as ciências empíricas, a Matemática e a Lógica de um lado, e a Metafísica do outro.

Analisando, porém, a etimologia da palavra “fé”, encontramos um interessante campo de investigação, quando poderemos nos esclarecer do equívoco geral que tomou conta da mentalidade científica e da própria religião, que, no fundo, se aproveita das vantagens de, supostamente, dominar um campo de conhecimento impenetrável pela mentalidade científica. O filósofo Huberto Rohden formulou uma interessante abordagem, suficiente para tirar o sono dos dogmatistas, que se sentem protegidos pelo escudo salvador da fé para justificar atitudes inaceitáveis na óptica de uma mentalidade racional ou, às vezes, do simples bom senso. “Não compreendeu nossa exposição nem nossos motivos?”. “É porque falta fé” - justificam.

Rohden observou que a palavra “crer” não foi usada por Jesus no sentido considerado pelos cristãos, tal como se pode concluir pela consulta ao texto grego do Novo Testamento. Ele sugere que Jesus nunca pediu para que se “creia” nas coisas espirituais de forma dogmática, mas que se tenha fé, que são coisas diferentes. Fé, na forma expressa por Jesus e corretamente capturada pelo grego, língua original de alguns livros do Novo Testamento da Bíblia Sagrada, é compatível com ciência. Fé, no sentido tomado pelos cristãos, isto não. Eis a origem, segundo Rohden, de uma grande tragédia que atravessa várias gerações.

Crer indica um ato transitório, intelectual-volitivo, do ego humano – mas ter fé, fidelidade, designa uma atitude permanente, um modo-de-ser do Eu divino, de toda natureza humana, designa uma sintonização, uma harmonização, uma alta fidelidade do homem integral com Deus ou o Cristo (ROHDEN, 1990:146).

Crer é um simples ato de boa vontade perante o desconhecido, uma atitude claramente anticientífica, pois o objeto de uma crença jamais pode ser interpelado por algum critério. Alguém pode dizer “creio que vai chover”, mas pouco importa que chova ou não – trata-se apenas de um prognóstico, dito sem compromisso científico. Tal informação poderia carregar um significado científico se fosse pronunciada por um estudioso do tempo, e se apoiada em dados sistematicamente coletados e processados. Nesse caso, porém, tal cientista divulgaria a informação de acordo com uma margem de erro, cientificamente

estabelecida, jamais recorrendo à palavra “creio”. Para o não-cientísta, porém, não há critérios para crer ou deixar de crer que vai chover, a não ser o vago, abstrato e desestruturado senso comum – talvez uma nuvem negra que atravesse o horizonte.

Geralmente, acredita-se em conceitos espirituais por simpatia ou por tradição. Todos devem crer em Deus, pois assim é ensinado desde remotas eras. Todos devem crer em certas interpretações, pois assim foram formuladas por autoridades eclesásticas no passado e tradicionalmente aceitas como verdadeiras, sem qualquer possibilidade de verificabilidade ou falseamento, afinal de contas é matéria de fé e, como tal, não pode ser rejeitada por qualquer ciência, pois nenhuma participa desse domínio. O cientista está certo, portanto, quando rejeita a espiritualidade como ciência, sempre que ela se apresenta na forma de enunciados nos quais se devem crer ou descrever.

Segundo Rohden, isso ocorreu em razão de um pequeno problema de tradução, origem, porém, de grandes equívocos.

O substantivo grego “pistis”, que em latim é “fides”, e em português “fé”, tem o verbo “pisteuein”, mas a palavra latina “fides”, ou o vocábulo português “fé” não tem verbo, que seria “ter fé” (ou possivelmente “fidelizar”); o nosso verbo “crer” foi derivado de outro radical do latim “credere”. E este verbo “crer” foi tomado como equivalente e substituto de “ter fé” – e com isto começou o grande equívoco, que, há diversos séculos, está deturpando o Evangelho do Cristo (ROHDEN, 1990:145).

	Grego	Latim	Português
Substantivo	Pistis	Fides	Fé
Verbo	Pisteuein	Credere	Crer

Essa ilustração exhibe a explanação de Rohden. O problema reside na tradução do verbo “pisteuein” para o latim. Não existindo no latim um verbo correspondente ao substantivo “fides”, “pisteuein” em grego, o tradutor teve que apelar para um verbo de significado próximo, no caso “credere”, que equivale a “crer” no português.

É clara agora a incoerência de se tomar a palavra “fé” como “crer” em algumas afirmações de Jesus: “Em verdade vos digo, se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a esta montanha: Transporta-te daqui para lá, e ela irá,

e nada vos será impossível”⁸. Tomar “crer” como “fé” nessa afirmação soa esquisito, pois não é possível estabelecer gradação para uma crença, comparando-a a uma semente. Isto é, ou se crê em algo ou não se crê em algo, pois não pode existir meia-crença em alguma coisa. Em “fé”, “fides”, “fidelidade”, entretanto, cabem incontáveis gradações.

O mestre indiano Paramahansa Yogananda lamentou a confusão que se faz com o conceito de “fé”, largamente aceito no Ocidente como crença, e também estabeleceu um sentido para “fé” como um conceito científico.

Ciência e religião devem andar de mãos dadas. Todos os resultados da pesquisa científica são definidos e ligados racionalmente, ao passo que a religião costuma ser dogmática. Quando Jesus exortou os seus discípulos a terem fé, não se referiu à crença cega. Fico de coração partido quando vejo o dogmatismo cego, pois é uma das razões que leva a maioria das pessoas a não ter interesse real por Deus (...) Poucos filhos valorizam as dádivas do Pai Celestial e, dentre os que as apreciam, um número ainda menor tenta conhecê-lo, com suficiente profundidade ou de modo científico. Quem quiser procurá-Lo com sinceridade deve aprender a fazê-lo cientificamente (YOGANANDA, 2001:49).

Como vimos, o vocábulo português “fé” descende do latim “fides”, raiz de “fidelidade”. Rohden sugere que “fé” foi originalmente expressa como “pistis” para indicar atitude de completa identificação, sintonização ou harmonização.

Um aparelho transmissor emite sinais de uma estação em determinada frequência. A Ciência Física explica que, se um aparelho de rádio possui alta fidelidade, significa que é capaz de igualar ou sintonizar a frequência do sinal do transmissor e reproduzir perfeitamente a informação transportada pelo sinal. Podemos dizer que o aparelho de rádio, agente receptor, tem fé (fidelidade) no agente transmissor. Duas pessoas que possuem valores, atitudes e opiniões completamente distintas estão claramente fora de sintonia uma com a outra, vivenciando ritmos de vida incompatíveis entre si. O que um fala o outro não compreende. O que um pensa numa direção o outro age na direção oposta. Se, diante de um conflito, um deles pensa que pode encontrar uma solução pacífica, o outro já está procurando uma arma. Podemos dizer que ambos não possuem fé (fidelidade) um no outro. Seguindo a abordagem de Rohden quanto ao

⁸ Bíblia Sagrada, Livro de Mateus, Capítulo 17, verso 20.

entendimento do texto bíblico, ter fé em Jesus, portanto, significa estabelecer completa identificação, sintonização ou harmonização com ele, em gestos, pensamentos e atividades. Os fundamentos das atitudes do homem que tem, verdadeiramente, fé em Jesus são, inequivocamente, semelhantes aos fundamentos das atitudes de Jesus, qualquer que seja a situação ou época. Embora tal identificação absoluta com Jesus, no contexto da humanidade atual, possa ser vista como um quadro de referência de baixa probabilidade, podemos enxergar aí uma possibilidade de gradação, quando se torna coerente falar de pequena fé ou grande fé em Jesus, isto é, menor ou maior identificação ou harmonização com Jesus. Compreendendo agora o significado original da palavra “fé”, como foi proferida por Jesus, vemos que o uso do vocábulo “crer” faz algum sentido na tradução, pois quem está completamente harmonizado com Jesus certamente acredita nEle, jamais alimentando qualquer dúvida sobre o que disse ou realizou. Somente a crença nascida depois da harmonização ou fé encontra-se despida de um sentido dogmático, tornando-se indubitavelmente científica, pois nascida da experiência.

Desse modo é que se torna natural a possibilidade de estabelecimento de critérios para identificar se alguém tem pouca ou muita fé, tarefa impossível quando se tenta reconhecer quando alguém tem pouca ou muita crença. Essa é uma tarefa da ciência da religião. Se alguém alcançar elevado padrão de identificação com Jesus, poderá, do mesmo modo, estabelecer uma pedagogia que oriente a passagem gradual e metodológica de um quadro de incipiente fé para outro de muita fé em Jesus. Essa é uma tarefa da pedagogia científica da religião.

Em vez de negarmos a possibilidade de uma ciência para a religião, podemos abordá-la como Ciência que possui metodologia e características próprias, tal como qualquer outra.

EQUÍVOCOS DA MENTALIDADE CIENTÍFICA DO OCIDENTE

*Quem se interessa pelo Tao ?
Não basta ver para enxergá-lo.
Não basta ouvir para compreendê-lo.
Mas quem sabe auscultá-lo,
esse descobre a plenitude de Tao (LAO TSÉ).*

A falta de entendimento dos próprios religiosos sobre os fundamentos da espiritualidade conforme ensinados por aqueles que a conheciam a partir de uma base segura, como Jesus Cristo, forjou a atitude cômoda de muitos cientistas e filósofos, que preferiram relegar o conhecimento espiritual como de terceira classe, pois, estando a fé representada fora de alcance dos critérios científicos, não havia possibilidade de uma apreciação crítica por parte da mentalidade inquiridora. Um conto sufista⁹ ilustra bem esse equívoco da mentalidade científica ocidental perante o conhecimento espiritual:

Alguém viu Nasrudin procurando alguma coisa no chão.
'O que é que você perdeu, Mullá?', perguntou-lhe.
'Minha chave', respondeu o Mullá.
Então os dois se ajoelharam para procurá-la.
Um pouco depois, o sujeito perguntou:
'Onde foi exatamente que você perdeu essa chave?'
'Na minha casa', respondeu o Mullá.
'Então por que você está procurando por aqui?'
'Porque aqui tem mais luz' (NASR AL-DIN, 1994:57).

Hipnotizada pela Teologia e pelo dogmatismo, fomentadores de conflitos imaginários entre ciência e religião, a mentalidade científica do Ocidente busca compreender a espiritualidade a partir da claridade dos seus paradigmas, levando ao estabelecimento de uma pseudodiferenciação entre ciência e religião, ao não encontrar similaridade entre os princípios da ciência que domina e os fundamentos de um campo de estudo que desconhece. Evitando admitir *a priori* qualquer possibilidade de uma abordagem científica da religião, a mentalidade ocidental não foi capaz de cogitá-la como uma ciência com parâmetros próprios¹⁰. Uma vez que conclusões sobre ciências humanas não podem ser obtidas num laboratório de Química, nem utilizando critérios puramente lógicos, por que as

⁹ O sufismo é a corrente mística do islamismo.

¹⁰ "Hume, por sua crítica lúcida, possibilita um progresso decisivo para a filosofia. Mas causa, sem responsabilidade de sua parte, um real perigo, porque esta crítica suscita um 'medo da Metafísica' errado, por realçar um vício da filosofia empírica contemporânea. Este vício corresponde ao outro extremo da filosofia nebulosa da antiguidade, quando ela pretendia poder dispensar os dados sensíveis, ou até mesmo desprezá-los" (EINSTEIN,1981:49).

conclusões sobre espiritualidade poderiam ser estabelecidas a partir dos parâmetros da Filologia ou da Hermenêutica ? Ciências sociais diferem, evidentemente, das Ciências naturais, que, com evidência semelhante, diferem da Ciência da religião, exigindo cada uma delas uma metodologia singular.

Equívocos pueris na abordagem das coisas espirituais são causas freqüentes de conclusões ambíguas por parte da racionalidade ocidental. É comum a tendência de julgar a falta de cientificidade da religião, ao se observar os procedimentos de seguidores fanáticos, ignorantes dos fundamentos espirituais, e não a fonte onde ela foi elaborada, isto é, nos ensinamentos daqueles espiritualistas profundos, conhecidos como avatares, tais como Jesus Cristo, Sidarta Gautama, Bhagavam Krishna, Paramahansa Yogananda e alguns outros poucos cientistas espirituais que mergulharam a consciência com tal profundidade nesse campo de conhecimento, que podiam seguramente afirmar: “dizemos o que sabemos”¹¹. Buscar as evidências da espiritualidade observando-se o proceder do religioso ordinário seria como pesquisar os fundamentos da Matemática na criança que acabou de escrever $2 + 2 = 5$, não em Pitágoras, Newton, Gauss e outros corifeus das Ciências exatas. Esse foi precisamente o equívoco de Nietzsche ao tentar investigar a ciência de Jesus Cristo utilizando como instrumento seus excelentes conhecimentos de Filologia¹², ferramenta tão pobre para esse mister quanto uma régua para medir a distância entre o Sol e a Terra. Apresentando uma atitude mais cautelosa, chegando a admitir a evidência de um Ser Supremo¹³, David Hume não resistiu à mesma armadilha que embaraça de forma generalizada a mentalidade científica contemporânea,

¹¹ Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 3, verso 11.

¹² “Uma outra marca do teólogo é a sua incapacidade para a filologia. Filologia é para ser entendida, num sentido bem amplo, como a arte de ler bem, enxergar fatos sem distorcê-los com a interpretação, sem perder a cautela, a paciência, a sutileza por causa da exigência do conhecimento” (NIETZSCHE, 1996:77).

¹³ “Apesar de a estupidez dos homens bárbaros e incultos ser tão grande que eles não conseguem ver um autor soberano nas mais evidentes obras da natureza, obras que lhes são muito familiares, parece, entretanto, que é quase impossível que alguém de bom entendimento rejeite tal idéia, quando esta lhe é sugerida. Em cada coisa é evidente um propósito, uma intenção, um desígnio; e quando ampliamos nossa compreensão a ponto de contemplar os primeiros princípios desse sistema visível, devemos adotar, com mais forte convicção, a idéia de uma causa ou autor inteligente. As máximas uniformes que vigoram em toda a estrutura do universo também nos levam, naturalmente, se não necessariamente, a conceber essa inteligência como única e indivisível, quando os preconceitos da educação não se opõem a uma teoria tão razoável. Até as contradições da natureza, ao se revelarem em toda parte, tornam-se provas de um plano coerente e estabelecem um projeto ou uma intenção única, ainda que inexplicável e incompreensível” (HUME, 2005:123).

debruçando-se sobre a história natural da religião, fonte narrativa de fenômenos humanos, e não sobre a ciência divina da espiritualidade, criticando a religião desde um ponto de vista da superfície da prática dos seguidores¹⁴.

Disse Paramahansa Yogananda:

Um físico cético tem o direito de expressar sua opinião, mas continua sendo apenas uma opinião, não um fato. Na ciência física, certos procedimentos devem ser adotados e seguidos, para provar a verdade de qualquer teoria. Os micróbios são invisíveis a olho nu; é preciso usar um microscópio para detectar sua presença. Se uma pessoa se recusa a olhar pelo microscópio, não se pode dizer que tenha testado cientificamente a teoria de que os germes estão ali. Sua opinião, portanto, não tem valor, visto que não observou os critérios prescritos para chegar à verdade da teoria. O mesmo se dá com assuntos espirituais. O método foi descoberto, as regras estabelecidas e o resultado está à disposição de qualquer um que esteja bastante interessado para experimentar. No mundo ocidental, por falta de um tratamento científico à lei espiritual, o valor da religião foi profundamente subestimado como fator vital na vida do homem, e as doutrinas espirituais são aceitas ou rejeitadas, com base apenas em inclinações pessoais e não como decorrência da investigação científica (2001:210).

O cientista ocidental deve abandonar a zona de conforto dos seus paradigmas se deseja penetrar um campo de pesquisa desconhecido para ele. Nesse sentido, a posição do ateu é tipicamente anticientífica. Diante do desconhecido, a atitude científica é a investigação, não a negação incontinenti. Popper orientou sobre a negação (falseamento) de enunciados científicos por meio da investigação empírica¹⁵, não por intermédio de preferências pessoais ou culturais. O agnóstico, que não aceita a idéia de um Ser Supremo, carrega a posição mais próxima do cientista, pois admite, ao mesmo tempo, sua incapacidade de afirmar a inexistência dEle. A verdadeira atitude científica é a do pesquisador que, não admitindo de imediato a conclusão sobre a ação de um vírus como elemento causador de uma enfermidade, se põe à tarefa de investigação, aberto a qualquer resultado, inclusive aquele descartado a princípio. Falta ao agnóstico, ao cético e ao ateu a iniciativa para a investigação científica do Sagrado.

¹⁴ “Examinemos os princípios religiosos que têm, de fato, vigorado no mundo. Dificilmente nos persuadiremos de que eles são mais do que devaneio dos homens” (HUME, 2005:125).

¹⁵ “Não exigirei que um sistema científico seja susceptível de ser dado como válido, de uma vez por todas, em sentido positivo; exigirei, porém, que sua forma lógica seja tal que se torne possível validá-lo através de recurso a provas empíricas, em sentido negativo: deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico” (POPPER, 2003:42).

A CIÊNCIA DA RELIGIÃO

Quando o coração repousa, vê festa em tudo (SABEDORIA INDIANA).

Estamos tratando de religião sem jamais sugerir a atitude acrítica do aspirante ao conhecimento de Deus, Inteligência Universal, Pai Celestial, Arquiteto do Universo, Consciência Cósmica, Jeová ou Alá. A ciência, em geral, é elaborada a partir da atitude crítica perante o conhecimento do mundo dos fenômenos humanos ou naturais. Ciência da religião nasce com a atitude crítica que guia o esforço metódico e estruturado para o conhecimento do Sagrado. É necessário reconhecer que, qualquer forma de expressão religiosa, mesmo dogmática, produz, certamente, algum resultado, mas de forma dispersiva, lenta e não consolidada, prática dificilmente ponderável por uma ciência. Sem uma religião compreendida cientificamente, no caso de uma enfermidade, como pode o devoto ter certeza se será curado pelos medicamentos, pelo tratamento ou pela oração que clama a intervenção divina?¹⁶ A mesma atitude científica capaz de produzir o conhecimento dos objetos do mundo pode orientar para o domínio da Metafísica, por meio de um método sistemático e de uma orientação estruturada, capaz de guiar o praticante por vias seguras na direção do Sagrado.

A universalidade do conhecimento espiritual é definida por meio da abstração dos fatores culturais que caracterizam as religiões, os rituais, as práticas e a linguagem dos sacerdotes. Não se pode confundir o objetivo com os meios para alcançar o objetivo. O momento em que as oblações, os rituais, o culto, a lei e as penitências tornam-se o objetivo da religião marca o início da sua decadência. Urge nova perspectiva de religião que, ou é universal, ou meramente preenche as necessidades naturais pelo Sagrado em uma era ou cultura. Uma criança não está sendo bem educada se é obrigada a ir para a escola sob pena de levar uma surra ou para ganhar um brinquedo novo a cada mês. Essa criança também enfrentará dificuldades para compreender o motivo de outras crianças irem à escola e poderá discutir com elas para mostrar que seu motivo é melhor ou pior. Se for capaz, todavia, de compreender os verdadeiros motivos pelos quais

¹⁶ “Pela fé”, dirá o religioso ortodoxo, resposta desprovida de conteúdo científico se não houver convicção por parte do próprio religioso quanto à cura. Para Paulo de Tarso, porém, fé “é uma *certeza* a respeito do que não se vê” (BÍBLIA SAGRADA, Livro de Hebreus, Capítulo 11, verso 1).

deve ir à escola, essa criança não apenas realizará suas tarefas, convicta da necessidade do esforço, como compreenderá, naturalmente, o motivo de todas as crianças irem à escola - mesmo que escolas diferentes da sua. A religião compreendida cientificamente não precisa recorrer à ameaça de castigo eterno, nem promessa de um céu após a morte.

Em seu livro *The Science of Religion*, Paramahansa Yogananda identifica o objetivo universal da religião e mostra que todos os homens, mesmo um ateu, comunga essa universalidade, possuindo também necessidade dele. Refletindo sobre o objetivo por trás das ações de todas as pessoas, de todos os credos, de todas as raças, era ou cultura, ele concluiu que todos agiram, se comportam e sempre se conduzirão no sentido de evitarem a dor e a carência e de obterem felicidade¹⁷ permanente: “se podemos permanentemente evitar dor e obter felicidade é uma outra questão; mas, de fato, em todas as nossas ações nós, obviamente, tentamos evitar a dor e obter satisfação” (YOGANANDA, 1994:8). Segundo ele, mesmo por meio de uma longa cadeia de eventos, esse sempre será o objetivo final de todas as ações de todas as pessoas. Um estudante tenciona progredir nos estudos porque se interessa pelo *status* social ou benefícios na forma de dinheiro, que será usado para preencher suas necessidades pessoais, evitando a carência e proporcionando satisfação a si e à família. Mesmo que alguém aceite realizar um formidável esforço em prol de uma comunidade, sem visar a recompensa financeira, esse será o seu modo peculiar de alcançar satisfação, seja pelo simples fato de lutar pela causa de um grupo ou porque é movido pela perspectiva de fama e glória. Alguém que comete suicídio para dar o fim a um martírio, ou que mate outro ser humano para obter dinheiro, está igualmente perseguindo alguma satisfação que ele imagina lhe trará felicidade que será alcançada imediatamente ou como parte de uma seqüência de ações futuras. Mesmo que alguém afirme que estuda apenas pelo prazer de estudar ou que trabalha visando ao sucesso e não à felicidade, os motivos alegados, na verdade, constituem instrumentos de felicidade que, se não forem realizados, implicarão algum tipo de aborrecimento ou frustração, os quais deseja

¹⁷ O autor utiliza a palavra “bliss”, que tem um significado muito mais profundo que “happiness”, a palavra mais diretamente correspondente à “felicidade”. “Bliss”, de acordo com o texto original, se aproxima bem mais de “bem-aventurança”, que é “felicidade suprema” ou “delícia pura”.

evitar. O indivíduo que se corrompe ou aquele que se imola no altar da causa mais nobre, professe uma religião ou não, em qualquer momento da cadeia de ações que marcaram sua vida, estava buscando evitar a dor e obter felicidade mais duradoura possível. Mesmo que alguém se revolte contra tal “intolerância” da vida e busque um fator alternativo primordial para justificar suas ações, estará agindo com o fim de evitar algo que o aborrece e obter algum tipo de satisfação que acredita merecer. Mesmo os instintos mais primários, como o de autopreservação, ou o de perpetuação da espécie, estão todos subordinados ao fator primordial mencionado, na verdade, existindo para sua consecução.

Se há idêntico fator detrás dos motivos das ações de todos os homens, de todas as idades, em todas as eras ou culturas, ele pode ser dito universal. E se, sem esse fator, o ser humano deixa de ser caracterizado como tal, ele pode ser dito necessário. “O que é universal e mais necessário para o ser humano torna-se, é claro, religião para ele. Então, religião necessariamente consiste na permanente remoção da dor e da realização de Bem-Aventura, ou Deus” (*IBID*; 11). Esse conceito pode parecer, a princípio, de aceitação difícil para quem se habituou a compreender religião do modo organizacional e Deus da maneira teológica, mas, como foi demonstrado, intimamente, todos os seres humanos estão prestando culto e realizando sacrifício ao objetivo da felicidade, ou bem-aventurança, que pode ser identificado, na prática, como um deus para quem são dedicados todos os esforços de todas as vidas humanas. Se há um motivo tão indispensável assim, capaz de dirigir o esforço, consciente ou não, de todas as classes de pessoas, então esse motivo se torna uma religião, contra a qual, na prática, nunca haverá única dissensão. Qualquer pessoa, portanto, analisando o motivo por trás de todas suas ações, presentes e passadas, e compreendendo que não poderá jamais se posicionar fora desse plano, perceberá a si mesmo como um ser religioso, cultor de um deus.

Esse conceito de Deus não se contrapõe ao tradicional. O Deus de qualquer religião é apresentado sempre como o autor da vida e doador da felicidade perene, o que está de acordo com o conceito exposto. Seja nesta vida, ou em vida futura, após a morte, as religiões descrevem sempre um estado de felicidade permanente a ser alcançado. Seja o Paraíso, seja o Nirvana, há sempre

um ponto de chegada ao qual o devoto será ligado por meio da prática cotidiana de um conjunto de preceitos: o processo de religação, ou religião. A idéia de religação faz sentido, uma vez que o Paraíso sempre esteve presente na forma de um princípio motivador que empurra todos ao esforço e ao sacrifício para ser tornado real, apenas não percebido pela consciência, hipnotizada pelas circunstâncias das ações e metas mais imediatas. Por isso, essa abordagem de religião não deve se tornar motivo para o devoto deixar de ir a sua Igreja, uma vez que não se contrapõe ao objetivo de ajudar os seguidores a alcançarem a “vida eterna”, uma das muitas representações simbólicas de felicidade ou bem-aventurança permanente. Para muitos, freqüentar a Igreja é a única forma da consciência se ligar a esse fator primordial de todas as ações da vida. Os preceitos e injunções de todas as religiões, como a observância aos dez mandamentos ou às orações diárias compulsórias, foram elaborados por seus fundadores, visando às metas primordiais de evitar a dor e carência e de obter felicidade permanente. Muitas regras impostas a povos do passado, como a proibição do consumo de carne de certos animais¹⁸, foram compreendidas mais tarde como excelentes recomendações necessárias à saúde individual e coletiva. Muitas outras restrições, compatíveis com a cultura de uma determinada geração, visando ao mesmo objetivo, são demolidas pela imposição do mesmo princípio primordial que as fundaram, como no caso da posição subalterna imposta à mulher por Paulo de Tarso no Novo Testamento cristão. Nesta Era moderna, as condições para uma vida social saudável implicam situações em que o homem recebe ordens de uma mulher, sem que isso comprometa o bem-estar de ambos, condição aceita atualmente por muitas religiões que poderiam deixar de existir se não encarassem com naturalidade tal fenômeno social – uma dor a ser evitada a qualquer custo.

Mesmo que concordem com os conceitos expostos, o engajamento das pessoas à religião não ocorre com naturalidade, pois, de modo generalizado, possuem idéia equivocada sobre quem é o sujeito que deve evitar a dor e alcançar felicidade. No estado de vigília, todos estão permanentemente conscientes de que há um sujeito realizando ações que primam por evitar a dor e

¹⁸ Bíblia Sagrada, Livro de Levítico, Capítulo 11, versos de 1 a 47.

alcançar felicidade. Esse ente realiza os mais diversos tipos de atividades e possui uma identidade ou ego, permanecendo consciente de si como a mesma pessoa no passado e no presente, projetando ações para o futuro. Uma vez que a consciência se percebe existindo de forma mais evidente no mundo material, ela se identifica naturalmente com essa condição, reconhecendo-se com um corpo que possui sentidos e uma mente que pensa, ignorando completamente a instância espiritual, o Ser, *Self* ou Alma, “imagem e semelhança de Deus”¹⁹, que subjaz à mente e ao corpo, reflexo puro da Consciência Universal. “O senso de identificação com o corpo transitório e com a mente inquieta é a fonte primária da miséria espiritual do Ser” (*IBID*; 21).

A referência para o fator primordial de evitar a dor e conquistar felicidade estará, portanto, restrita ao que a consciência imagina que é: corpo e mente. Os desejos continuamente criados para essa satisfação de corpo e mente estarão presos, entretanto, a um círculo vicioso que compromete aqueles objetivos primários. O desejo pela satisfação do corpo implica o engajamento em ações para sua realização. À medida que cada pessoa consegue realizar repetidamente um desejo, como a ingestão de sorvete todos os dias após o almoço, cria um hábito. A mente se tornará, em seguida, presa desse hábito, que, se não for repetido por um dia, implicará algum aborrecimento. Um paradoxo surge aí, pois o mesmo elemento que proporciona satisfação que a consciência deseja sempre alcançar pode tornar-se o motivo da dor que ela pretende sempre evitar. Tal é o contraste relacionado com qualquer tipo de satisfação, ou prazer, proporcionado pelos sentidos. Quanto mais as pessoas se tornam habituadas a encontrar satisfação por meio dos órgãos dos sentidos, maior será a dor quando estes não puderem mais experimentá-la, o que implica uma circunstância de limitação mental evitável, uma vez que a consciência, no início do desenvolvimento de cada hábito, não se encontrava presa à satisfação da necessidade, que passou a dar as ordens a uma mente obediente ao desejo pelo objeto e não ao *Self* ou Alma, a verdadeira instância subordinadora de corpo e mente. Nenhum objeto do mundo material, portanto, jamais terá o potencial de proporcionar verdadeira felicidade e evitar a dor, pois é evidente que há um processo de vício mental em questão.

¹⁹ Bíblia Sagrada, Livro do Gênesis, Capítulo 1, verso 27.

Houve o dia em que o objeto não tinha esse poder de influência, além de não provocar os mesmos efeitos para todas as pessoas. Uma bebida artificial pode ser considerada indispensável para alguns, mas repugnante para quem toma apenas suco de frutas. Por isso, se o bebedor da primeira está preso a um vício, é evidente que o cativo não é a bebida, mas a mente, a mesma que possui as chaves de libertação.

Essa é uma limitação ou prisão criada pela própria consciência que se reconhece apenas como corpo e mente, tratando os objetos do mundo não como instrumentos, meios, mas como fins. A atitude para evitar essa armadilha é “representar nosso papel no drama da vida com toda a mente, inteligência e corpo, mas mantendo-se interiormente não afetados pelos prazeres e pela dor” (IBID; 29), do mesmo modo que os atores de uma peça atuam sem nunca se identificarem com os papéis representados, conscientes do seu verdadeiro ser. Como não é possível viver sem desejos, que sejam racionais esses desejos, isto é, que estejam de acordo com as verdadeiras necessidades do corpo e da mente; que sejam experimentados com parcimônia suficiente para evitar as armadilhas; e que se aproximem dos mais nobres e sublimes desejos que um ser humano possa ter. O desejo mais importante, a ser perseguido a todo custo, é o desejo pela Bem-Aventura, o fim que transcende todos os meios, o único que está numa posição não contraditória, estritamente de acordo com a ordem natural que tange todo ser vivente, evitar a dor e obter felicidade permanente.

O conceito de bem-aventurança carrega principalmente a idéia de que ela, para ser alcançada, não depende de nenhum estímulo externo pela via dos sentidos – nesse aspecto é que se diferencia de mera satisfação ou prazer. O prazer é condicionado à fruição de determinado objeto e, sem a disponibilidade dele, há grande ressentimento ou dor. Quanto mais comida, droga, fama, poder, riqueza ou diversão, maior será a dor no caso de ausência. Alguém que está doente ou deprimido é mentalmente dependente do estado de saúde para afirmar que é feliz. O cientista engajado na fruição da bem-aventurança, porém, aprendeu a elevar sua consciência acima desses fatores e sabe como manter um contínuo estado de tranqüilidade, paz e alegria, independentemente de quaisquer

circunstâncias externas, seja com a posse ou com a perda desses elementos²⁰. Tal estado de equanimidade varia com a experiência do espiritualista e está de acordo com a fé ou harmonização com sua identidade transcendental, o *Self*, Eu Superior ou Alma, constituindo-se numa habilidade adquirida com o treinamento orientado por uma pedagogia superior²¹, e não imitando cegamente um santo ou profeta, sem jamais compreender os motivos de suas ações.

Sob a perspectiva de qualquer teologia, é evidente que o Ser Supremo é livre de qualquer apego ou dependência das coisas criadas, constituindo a essência original do estado incondicional de bem-aventurança permanente (*Ananda*), consciente (*Chit*) de sua existência (*Sat*) e dessa bem-aventurança. Esses atributos essenciais da divindade, *Sat-Chit-Ananda*, existência, consciência e bem-aventurança, são os atributos primordiais da Divindade e de toda criatura, pois a bem-aventurança exige uma existência para se manifestar e uma consciência para ser apreciada. *Sat-Chit-Ananda* é o nome de Deus na filosofia hindu. “De fato, mantemos Deus a uma distância segura, concebendo-O às vezes meramente como um ser pessoal e, também teoricamente, imaginando que está dentro de nós. Devido à vaga idéia e ausência de experiência de Deus é que não somos capazes de compreender a real necessidade por Ele e o valor pragmático da religião” (IBID; 38).

O esforço necessário para conquista da consciência de bem-aventurança é, compreensivamente, um passo difícil de ser dado porque implica mudança de foco dos prazeres dos sentidos para a jamais contraditória alegria da Alma. Isso acontece somente quando o cientista decide encarar o desafio e realizar os testes empíricos no campo de provas da própria consciência, experimentando, pelo menos uma vez, essa verdade. Enquanto ele não se dispuser a realizar algum teste, dando o primeiro passo, permanecerá preso à satisfação autocontrastante dos sentidos, pois está de acordo com os princípios abordados não abandonar o pouco que se possui por algo apenas provável, uma possível dor a ser evitada.

²⁰ “Transbordo de gozo em todas as nossas tribulações” (BÍBLIA SAGRADA, Livro II Coríntios, capítulo 7, verso 4).

²¹ “Serenos na ventura e na desventura, no ganho e na perda, no triunfo e no fracasso – assim deves enfrentar a batalha da vida !” (BHAGAVAD GITA, Capítulo 2, verso 38).

Se a pedagogia piagetiana servisse apenas aos suíços, Jean Piaget não teria desenvolvido uma ciência universal, mas um estudo concernente a uma cultura específica, sem chance de aplicação em outra cultura ou época. Uma vez tornada consciente sua universalidade, a religião, “relegada à região das nuvens (...) diversão de mulheres, velhos e fracos” (IBID; 17), perde seu caráter desinteressante e fortuito. Perde também o cunho dogmático-teórico-discussivo e adquire contornos pragmáticos e não sectários, pois os atos de todos os homens, crentes e ateus, ganham um sentido relevante. Com o despertar da convicção de que a religião é, de fato, uma necessidade, guiando a vida individual e a vida social, como o *leitmotiv* que dirige a história humana, então é evidente que tal objetivo começa a ser tratado com toda a diligência, inteligência, intensão e rigorosa sabedoria. Do mesmo modo que uma mentalidade científica foi desenvolvida a fim de que os problemas humanos fossem resolvidos racionalmente, de forma objetiva e pragmática, uma mentalidade científica que se debruce sobre esses aspectos fundamentais da religião, ordenadores e condicionadores de todos os objetivos humanos, de todas as ciências, de todas as filosofias, torna-se uma necessidade universal.

COMO FOI ESTABELECIDADA A CIÊNCIA DA RELIGIÃO

*A montanha tem altura, mas não tem profundidade;
ao mar foi dada profundidade, mas não altura.
Só o sábio é elevado e profundo,
sem nada que se lhe compare em todo o mundo (CĀNAKYA).*

Foram os cientistas espirituais da Índia antiga – *rishis* - os fundadores do que chamamos aqui de ciência da religião. Como puderam os *rishis* alcançar conclusões sólidas a respeito do Espírito, Deus, se os elementos da Metafísica, ou conhecimento espiritual, estão abstraídos do campo da experiência sensível?

Como passo inicial, fecharam os olhos para interromper o contato imediato com o mundo e a matéria, de modo a poderem concentrar-se mais plenamente em descobrir a Inteligência subjacente a ela. Pelo uso da razão, compreenderam que não poderiam contemplar a presença de Deus no seio da natureza por meio das percepções ordinárias dos cinco sentidos. Assim, começaram a tentar senti-Lo dentro de si mesmos, por meio da concentração cada vez mais profunda. Acabaram descobrindo como desligar os cinco sentidos, desse modo afastando por completo, temporariamente, a consciência da matéria. O mundo interior do Espírito começou a abrir-se. Deus finalmente revelou-Se a esses seres magníficos

da Índia antiga que persistiram firmemente nessas investigações internas (YOGANANDA,2001:6).

Esse processo, iniciado pela meditação, e aprofundado por meio de outras técnicas, como *kriya yoga*, abre os portais de mistérios que se esvaecem por meio do acesso consciente a verdades inatingíveis pela experiência sensível. Durante a prática meditativa, o fluxo da energia vital, normalmente dirigida para o exterior através dos sentidos, é redirecionada para o interior, acalmando o funcionamento dos órgãos vitais e do sistema nervoso. Não afetada pelos distúrbios do corpo, nem pela agitação dos pensamentos, a consciência, nesse estado profundo, é capaz de reconhecer-se como Ser, *Self*, naturalmente conectado à consciência do Ser Universal, Deus.

Nesse estado, diz-se que a consciência alcançou auto-realização, que quer dizer “realização do Ser”. No português, o prefixo “auto” cria um sentido equivocado para o termo, dando a impressão de que significa realização por si mesmo. O termo inglês “Self-realization” expressa melhor a idéia de “realização do Ser”, pois se pode dizer em inglês “the Self”, “o Ser”, mas nunca se diz em português “o auto”, o que nos obriga a apelar para “o Self” ou o “Eu Superior”. “Auto-Realização”, portanto, significa “realização em Deus”, isto é, Deus tornado real, pois o Ser de um ente percebeu sua plena identificação com o Ser do Universo, tornando viva a palavra “Deus criou o homem à sua imagem”²². Esta é a mais elevada fé, sintonia ou identificação. Nas escrituras cristãs, o “Self” ou Ser é chamado de “Alma”. Quando, em meditação, o praticante alcança esse estado profundo, diz-se que atingiu o *samadhi*. Aí, a pequena consciência comunga com a grande Consciência do universo e com ela se identifica, sendo capaz de desvendar mistérios insondáveis aos órgãos dos sentidos, mesmo quando munidos das melhores ferramentas. Na mensagem dos avatares, auto-realização é o objetivo supremo da existência, o que permitirá a todo homem ou mulher dizer como Jesus: “Eu e o Pai somos um”²³. Os benefícios para o praticante da ciência da religião não são verificados somente nesse estado de *samadhi*, pois o simples contato do *Self*, a Alma, com Deus, mesmo que por momentos fortuitos, carrega o

²² Bíblia Sagrada, Livro do Gênesis, Capítulo 1, verso 27.

²³ Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 10, verso 30.

potencial para proporcionar resultados relevantes para a saúde física e mental, bem como respostas para as questões mais intrincadas.

Os grandes videntes, uma vez que experimentaram a realização das verdades não alcançadas pelas ciências ordinárias, puderam estabelecer os fundamentos da ciência superior do conhecimento de Deus, chamada de *yoga*, e elaborar uma pedagogia para qualquer aspirante ao conhecimento dessa ciência, baseando sua metodologia não em dogmas, mitos ou controvérsias intelectuais, mas na experiência pessoal, podendo desse modo afirmar: “damos testemunho do que vimos”²⁴. Todos aqueles que são capazes de alcançar esse mesmo estado de consciência presenciam a Verdade Única que cria e sustenta a Ordem Universal, o que inclui, por conseguinte, o conhecimento sobre a natureza da mente e da matéria. Essa ciência, mesmo quando expressa em diferentes roupagens externas, aparece na mensagem de outros pesquisadores nascidos fora da Índia, em outras eras, como os profetas e santos da Bíblia, o que implica perfeita semelhança entre seus ensinamentos: “ponto por ponto eu comparei a mensagem e os fundamentos da Bíblia e das Escrituras Hindus, e encontrei apenas harmonia entre eles” (YOGANANDA, 2004:XXV).

Em um festival religioso, *Kumbha Mela*, ocorrido na Índia em janeiro de 1894, na cidade de Allahabad, o mestre indiano Swami Sri Yukteswar, expressando angústia perante a religiosidade descoordenada das multidões, atraídas pelo alarido dos rituais e festas populares, considerou que o espírito científico dos ocidentais indicava uma potencial receptividade a novos paradigmas espirituais.

Há homens vivendo em regiões distantes, na Europa e América, que superam em inteligência a maioria dos devotos aqui presentes, professando diferentes credos e ignorando o real significado de *melas* como esta. Eles estão aptos para o contato profícuo com os devotos espirituais, pelo menos no que concerne à inteligência. Entretanto, estão esses intelectuais, em muitos casos, engajados ao materialismo. Alguns deles, embora famosos por suas investigações nos reinos da Ciência e da Filosofia, não reconhecem a unidade essencial na religião. Os credos que professam constituem barreiras que ameaçam separar a humanidade para sempre (YUKTESWAR, 1990:5).

Depois desse evento, Sri Yukteswar escreveu o livro *The Holy Science*, onde apresentou a ciência da religião como ensinada pelos *rishis*, a partir da

²⁴ Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 3, verso 11.

exposição comparativa entre os fundamentos da filosofia *Sankya* e o livro do Apocalipse. O objetivo era mostrar a unidade essencial de todas as grandes religiões, a harmonia subjacente a todas elas, e que há apenas um método para investigação do mundo exterior e da substância transcendental que o manifesta.

Foi o seu principal discípulo, Paramahansa Yogananda, incumbido de trazer a ciência da religião para o Ocidente e ensinar as técnicas práticas de realização das mensagens dos avatares de todos os tempos aos cientistas ocidentais, já afeitos à abordagem estruturada e metódica do conhecimento. “As experiências de que falo são cientificamente atingíveis. Se seguir as leis espirituais, o resultado é garantido. Se o resultado não vier, a falha está no esforço” (YOGANANDA, 2001:51). Mediante um programa pedagógico completo e detalhado, Paramahansa Yogananda disponibilizou ao Ocidente as mesmas técnicas para o despertar da consciência superior, como ensinadas pelos mais eminentes sábios da Índia em seus eremitérios, estando disponível a qualquer pessoa interessada no aprofundamento da ciência da religião, quando poderá verificar por si mesma os fundamentos daquele saber real dos avatares.

Sem um esforço guiado com amor, devoção e inteligência, não é possível o entendimento da religião no modo científico. Por esforço compreenda-se a prática diligente de uma pedagogia ou disciplina espiritual - *sadhana*. O principal obstáculo à compreensão da religião como ciência é sua apresentação na forma de um conjunto de sentenças teóricas, ou teologia, seja para a crença, seja para a dúvida, isto é, para consumo na homilia ou para discussão acalorada na academia ou praça pública. Somente no âmbito da experiência pessoal, possível com a prática dos ensinamentos, a religião encontra os mesmos parâmetros e fundamentos estudados por Albert Einstein, Immanuel Kant e Karl Popper. Nesse campo, uma experiência de negação ou verificação empírica é perfeitamente viável, seja no aspecto moral ou transcendental. O ensinamento de Jesus para oferecer a outra face foi perfeitamente assimilado por Mahatma Gandhi na luta pacífica de libertação da Índia, e a eficiência dessa mensagem foi grandiosamente testemunhada pela história. Um debate teórico sobre a suspensão da divindade de Jesus nos três dias em que permaneceu morto; um profundo estudo sobre a possibilidade, ou não, de sua ressurreição; ou uma

calorosa disputa para saber se Deus criou o mundo em sete ou setenta dias não carrega qualquer possibilidade de consenso nem de cientificidade – um amplo espaço para a boa especulação filodóxica. Destacamos nesses dois momentos da mensagem de Jesus a expressão da primazia da experiência pessoal: 1) “Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo?”²⁵ e 2) “Aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática é semelhante a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a rocha”²⁶.

O mundo tem o hábito de ensinar muito e praticar pouco. Você pode ouvir uma palestra sobre açúcar centenas de vezes, mas não conhecerá seu sabor antes de prová-lo. Nem conhecerá a glória de qualquer ensinamento verdadeiro, a não ser pela prática. Você precisa viver os ensinamentos dos profetas e dos grandes seres. Então essas verdades serão suas e você perceberá que a verdade é universal e demonstrável (YOGANANDA, 2001:165).

À medida que a mentalidade humana mais e mais compreende a atitude científica, sobretudo pela experiência dos seus benefícios na vida cotidiana, mais exigente ela se torna em relação ao que a religião deve lhe oferecer. É bastante conhecido o fenômeno de afastamento da religião das pessoas de forte mentalidade científica, como os povos europeus, ou em determinados grupamentos de muitos outros lugares. Paramahansa Yogananda anteviu esse fenômeno, quando disse: “a tendência geral será afastar-se das igrejas, onde as pessoas vão só para ouvir sermões, e trocá-las por escolas e lugares tranqüilos, onde irão meditar e realmente encontrar Deus” (YOGANANDA, 2001:387). A meditação é um desses modos de experiência pessoal, quando o praticante, livre de qualquer mediação intelectual, própria ou de terceiros, pode comprovar empiricamente a própria transcendentalidade essencial e, falseando conceitos teórico-metafísicos, então considerados revelação pura de Deus ou extraordinárias deduções intelectivas, compreender que tal conhecimento, como disse Hume, não passava de “sofistaria e ilusão que deve ser lançada ao fogo” (*Apud* POPPER, 2003:36). Depois de uma experiência mística, Tomás de Aquino, respondendo aos apelos de seu secretário para a urgência de concluir

²⁵ Bíblia Sagrada, Livro de Mateus, Capítulo 6, verso 6.

²⁶ Bíblia Sagrada, Livro de Mateus, Capítulo 7, verso 24.

sua famosa obra, a *Summa Theologiae*, respondeu: “coisas tais me foram reveladas que agora tudo quanto escrevi surge aos meus olhos como não valendo mais do que palha” (*Apud* YOGANANDA, 1999:207).

CONCLUSÃO

Busque Deus por amor a Ele próprio. A percepção suprema é senti-Lo como Bem-Aventura brotando de suas infinitas profundezas. Não anseie por visões, fenômenos espirituais, nem por experiências emocionantes. O caminho para o Divino não é um circo! (PARAMAHANSA YOGANANDA).

Um dos erros mais funestos da consciência religiosa tradicional é tratar seus profetas e avatares como seres que exigem permanente adoração e louvor, enquanto, comodamente, espera que forças extraordinárias do além possam lhe salvar de todo tipo de aflição e dificuldades, geralmente criadas por si mesma. Grande parcela da humanidade atual relaciona-se com as coisas espirituais com a mesma atitude dos supersticiosos povos antigos e medievais, guiada pelo interesse da magia, fenômenos paranormais, transformação miraculosa das condições existenciais, “preocupação em relação aos acontecimentos da vida, e da incessante esperança e medo que influenciam o espírito humano” (HUME, 2005:31).

Nas últimas duas décadas, o yoga tem-se expandido muito no mundo inteiro. Entretanto, o significado real do yoga ainda não foi compreendido por muita gente. Para as pessoas mal ou pouco informadas, o yoga é visto como politeísmo, satanismo, misticismo, magia, superstição, acrobacia, faquirismo etc. Por outro lado, para os muito entusiastas, yoga é uma panacéia e uma solução para todos os tipos de problemas de toda e qualquer natureza. Essas duas interpretações estão muito distantes do verdadeiro significado do yoga (ARORA, 1999:55).

A ioga atende todos os critérios de uma ciência e subjaz à mensagem dos avatares da humanidade, nascida do domínio consciente de um saber real, acessível e verificável por qualquer pessoa. O significado de religião e de ioga é o mesmo, carregando ambos os termos um sentido de religação, união, ao mesmo objetivo superior: a Bem-Aventura Suprema. O fato de a ioga aparecer neste trabalho como a denominação para a ciência da religião não significa desprezo à espiritualidade ocidental, pois a mensagem dos profetas da Índia possui, rigidamente, a mesma correspondência com a mensagem dos profetas da Bíblia.

Carl Sagan lamentou o alcance hipnotizador das superstições e das pseudociências, que transforma as pessoas em vítimas inocentes da credulidade. Ao afirmar, porém, que “as mentes dos cientistas estão abertas ao explorar mundos novos” (SAGAN, 1996:71), mostrou a atitude científica verdadeiramente coerente que, se praticada, deveria implicar abertura ao conhecimento do Sagrado e uma pesquisa consistente na direção daquela mesma base de saber dos avatares, fontes lídimas da verdadeira religião.

Sempre que mencionamos a ciência da religião, não estamos nos referindo à religião “cientificizada”, mas à religião compreendida com atitude científica. Os fundamentos da ciência da religião tratados neste artigo possuem métodos próprios, sem relação com os métodos das ciências naturais. A ciência da religião não está baseada em conspirações interplanetárias²⁷, tampouco nos princípios da Física Quântica ou da Teoria da Complexidade. A relevante contribuição do *Tao da Física*, de Fritjof Capra, consistiu numa apresentação coerente e profunda das possibilidades de um campo de experiência, já dominado pela Filosofia oriental, para uma ciência que se viu diante das fronteiras da matéria. Eliminando a desconfiança natural do pensamento racional em relação à espiritualidade, o trabalho de Capra encoraja a mentalidade científica ocidental ao mergulho gradual na ciência da religião. A iniciação à mística, orientada pela antiqüíssima ioga, pode proporcionar ao cientista moderno o vislumbre de respostas que o método das ciências modernas, inclusive a Física Quântica, não pode dar. “A filosofia das tradições místicas, também conhecida como ‘filosofia perene’, proporciona a mais consistente base filosófica às nossas modernas teorias científicas” (CAPRA, 2000:18). Essa é a aplicação técnica que a ciência da religião pode oferecer aos pesquisadores das ciências da natureza.

Ela não possui, contudo, objetivos utilitaristas, como a descoberta dos segredos do átomo, saúde física, magias ou cura de doenças. Essas benesses são flores à margem do caminho da pesquisa pela Realidade Última, origem, sustentáculo e fim de todas as coisas criadas, objetivo declarado conhecido pelos avatares e, através deles, declarado conhecível aos seres humanos. Amar a criação, qualquer que seja a profundidade, e não o Criador, significa prostrar-se

²⁷ “Os *rishis*, cujas mentes eram receptáculos puros para receber as divinas profundezas dos Vedas, foram membros da raça humana, nascidos neste planeta e não em outro” (YOGANANDA, 1999:534).

perante semideuses. No cotidiano, a ciência da religião fala ao coração mediante os acontecimentos mais simples. Habitado a comungar com Deus, por meio da experiência pessoal incomparável da meditação, o pesquisador espiritual aprende a vê-Lo em toda parte; em todos os templos e igrejas; e em todas as pessoas. A Essência do universo, invisível para os céticos, manifesta-Se a ele de forma evidente, mesmo que os outros vejam apenas os fatos e objetos corriqueiros de sempre. O afã da vida agitada é resignificado pela memória sempre viva do contato real com o Infinito, quando novo contentamento, outra alegria e profunda paz tornam-se os dirigentes de novas perspectivas, renovada maneira positiva de ver e julgar o mundo e as pessoas - o Paraíso em plena vida.

O romance mais sublime é com o Infinito. Você não faz idéia de como a vida pode ser bela (...) Quando, de repente, você descobre Deus em toda parte, quando Ele vem, fala com você e o guia, o romance do amor divino começou (YOGANANDA, 2001:455).

É verdade que a ciência da religião apresenta provas verificáveis, como os resultados de algumas formas de ioga usadas para obtenção de saúde corporal, ou mesmo a prática de certas técnicas capazes de realizar curas de doenças sem auxílio de medicamentos, apenas com uso do poder mental. Não é possível, todavia, testemunhar por qualquer tipo de equipamento a experiência mística da meditação e outras técnicas, embora seus resultados se tornem expressos na vida cotidiana por meio de uma nova atitude perante a vida. Exames laboratoriais podem até registrar as ondas cerebrais específicas para esse tipo de experimento, mas, quanto à experiência em si, “quem sabe, cala; quem fala, não sabe” (ROHDEN, Tao Te King:145). O calar, nesse caso, tanto implica humildade e reverência, como também impossibilidade de verbalização do testemunho do Inaudito. O silêncio do sábio, por isso, tem o significado da profundidade.

“A ioga é exata e científica. Ioga significa união da alma com Deus, por meio de métodos gradativos, com resultados específicos e conhecidos. Ela eleva a prática da religião acima das diferenças dogmáticas” (YOGANANDA, 2001:49). Mostrar o mapa, porém, não é o mesmo que mostrar o território. Em um nível, a ciência da religião se refere a um conjunto de saberes organizados e estruturados numa metodologia que conduz o praticante, de forma segura, até a porta de acesso ao Sagrado. O resto é por conta de experiências individuais, pois a

experiência mística é única para cada praticante. Em outro patamar ainda mais profundo, mesmo a experiência mística em si pode ser acompanhada por um guru²⁸ fidedigno.

A tentativa de elaborar uma transcendentalidade fora da experiência²⁹, quando aplicada ao conhecimento do Ser Universal, é a tarefa inglória sobre a qual a Filosofia se debruça, até concluir com Tomás de Aquino: “tudo quanto escrevi surge aos meus olhos como não valendo mais do que palha” (YOGANANDA, 1999:207). Kant acertou quando discerniu a idéia de que a Metafísica não podia ser pensada no mesmo plano das Ciências naturais. Hegel, censurando a necessidade da crítica da razão proposta por Kant, também acertou ao lembrar que não é possível aprender a nadar sem se jogar na água³⁰, o que implica a necessidade de um espaço onde a consciência possa experimentar o mergulho seguro na Metafísica, sem risco de se afogar no conhecimento meramente especulativo.

A busca por essa base de conhecimento superior não está restrita a certa classe de pessoas, nem é necessário abandonar a vida normal, negar o mundo ou praticar penitências extenuantes para torná-la real. O objetivo da ciência da religião “pode ser alcançado pelo monástico de um eremitério ou pelo chefe de família vivendo no mundo” (YOGANANDA, 2000:233). A ciência da religião é para crianças, adultos, homens e mulheres, de qualquer época ou nação e, perseguindo a idéia de Carl Sagan, não apenas para crentes, mas também para ateus transformados em cientistas, saudavelmente duvidando, mas sem negar o Sagrado de forma *a priori*. Ela é simples e natural, adaptando-se facilmente à mentalidade racional-analítica ou à devocional-contemplativa, incompatível, tão-somente, com o caráter acomodaticio.

À meia-noite, o aspirante a asceta proclamou: ‘É chegado o tempo de deixar minha casa e buscar Deus. Quem me manteve aqui por tanto tempo iludido?’

²⁸ Guru é o mestre espiritual que orienta o discípulo ao conhecimento da Verdade, dando a ele a *sadhana*, disciplina ou pedagogia espiritual.

²⁹ “Transcendental é um conhecimento que determina, antes de toda a experiência, tudo que é possível na experiência” (OLIVEIRA e ALMEIDA, 2002:65).

³⁰ “Ora, querer conhecer antes que se conheça é tão absurdo quanto o sábio projeto daquele escolástico, de aprender a nadar antes de arriscar-se na água” (HEGEL, 1995:50).

Deus sussurrou: 'Eu', mas os ouvidos do homem estavam obstruídos.
Em um lado da cama, sua esposa dormia tranqüila com um bebê repousando em seu peito.
O homem disse: 'Que é você que por tanto tempo me enganou?'
Mais uma vez a voz proferiu: 'Eles são Deus', mas o homem não escutou.
Em seu sonho, o bebê chorou, aninhando-se inda mais em sua mãe.
Deus ordenou: 'Pare, não largue sua casa', mas, de novo, o homem não escutou.
Lamentando-se, Deus suspirou: 'Por que, para me buscar, meu servo me abandona?' (TAGORE, 2004:24).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA SAGRADA**, Edição Claretiana. São Paulo: Editora Ave Maria, 1979.
- ALMEIDA**, Custódio Luis S. de. *Hermenêutica e dialética: dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- ADORNO**, Theodor e Horkheimer, MAX. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- ARANHA**, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.
- ARORA**, Harbans Lal. *A ciência moderna à luz do yoga milenar*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.
- CAPRA**, Fritjof. *O tao da física*, 20 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
- CHAUÍ**, Marilena – *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- EINSTEIN**, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.
- HEGEL**, Georg W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas*. São Paulo: Loyola, 1995.
- HUME**, David. *História natural da religião*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- KANT**, Immanuel. *Crítica da razão pura* (Coleção os pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- NASR AL-DIN**, Khawajah. *Histórias de Nasrudin*. São Paulo: Edições Dervish, 1994.
- NIETZSCHE**, Friedrich W.. *O Anticristo – maldição do cristianismo*. Rio de Janeiro: Newton Compton Brasil Ltda, 1996.
- OLIVEIRA**, Manfredo e ALMEIDA, Custódio. *O Deus dos filósofos contemporâneos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- POPPER**, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- ROHDEN**, Huberto. *O Drama milenar do Cristo e do anti-Cristo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1990.
- _____. *Tao Te King*, 13 ed. São Paulo: Editora Martin Claret.
- SAGAN**, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TAGORE**, Rabindranath. *O coração de Deus*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

YOGANANDA, Paramahansa. *A Eterna Busca do Homem*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2001.

_____. *Autobiografia de um logue*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1999.

_____. *Onde Existe Luz*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1997.

_____. *The Bhagavad Gita* - royal science of God-realization; the Imortal dialogues between soul and Spirit – a new translation and commentary. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1996.

_____. *The divine romance*, second edition. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2000.

_____. *The second coming of Christ* - The resurrection of the Christ within you - a revelatory commentary on the original teachings of Jesus. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2004.

_____. *The science of religion*, 3rd ed. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1994.

YUKTESWAR, Swami Sri. *The Holy Science*, 8th ed. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1990.